

De ponta-cabeça PT MOSTRA AS VIRTUDES DA PRUDÊNCIA E PSDB PARECE ESTAR PERDENDO A AGENDA

MARCELO DE PAIVA ABREU

De ponta-cabeça. De cabeça para baixo, como dizem ao norte de São Paulo. É assim que parece o jogo político no Brasil, especialmente nas últimas semanas. Depois de enfrentar muitos meses de vilipêndio, a política econômica do governo Lula está obtendo resultados favoráveis, com possibilidades de sustentação. Inflação sob controle, contas públicas em estado razoável, crescimento decente pela primeira vez desde 2000 e criando empregos. Até as mais enlutadas viúvas da recessão parecem ter abandonado a tentativa de se agarrar a minúcias estatísticas de segunda ordem para contestar o vigor da recuperação econômica. Há muita gente de olho no tamanho das asas do Doutor Palocci, dentro e fora do governo.

A melhora de desempenho do governo parece estar estimulando o PSDB a revisões preocupantes. Será que vamos chegar à conclusão de que o PT é o partido das políticas macroeconômicas responsáveis e que agora é o PSDB que está comprometido com políticas equivocadas e imprudentes? Até mesmo o ex-presidente parece tentado a reinterpretar a importância do seu legado de uma política macroeconômica responsável ao atual governo. Em surpreendente entrevista, é verdade que, instigado pelo alto sacerdócio do "desenvolvimentismo", demonstra preocupação quanto ao nível da dívida interna, explica por que o PT viu-se obrigado a honrá-la e conclui com o alarmante juízo de que "precisa haver a adesão de grupos importantes a uma nova solução". Deu margem a que se leia que teria alguma simpatia por um calote, desde que bem negociado politicamente. A essa ambigüidade do ex-presidente deve ser somado o evidente arcaísmo das idéias do ex-candidato presidencial do PSDB sobre o que deveria ser a política econômica. Que incluem confisco cambial de exportadores entre outras antiquilhas.

A retomada do nível de atividade também põe de ponta-cabeça a avaliação do desempenho dos distintos segmentos do governo Lula. A política econômica foi promovida de patinho feio - "formulada e implementada por neoliberais sem experiência de chão de fábrica" - a cisne. É irônico que, ao mesmo tempo, a política externa, que alguns consideravam o cisne do primeiro ano de governo, enfrente momentos penosos. O seu pilar principal, a relação com o Mercosul, mostra sinais de fadiga com as reações argentinas a surtos de importações provenientes do Brasil passando a dominar o noticiário e assumindo importância despropositada.

A posição do Itamaraty, de colocar panos quentes nos exaltados ânimos empresariais brasileiros, é correta, dadas as circunstâncias. Talvez pudesse haver alguma dúvida quanto à importância do Mercosul, antes de sua criação. Agora, não deve mais haver nenhuma dúvida de que o seu comprometimento seria desastroso. Problemas pontuais relacionados a surto de importações devem ser resolvidos pela mistura que for possível de negociações

bilaterais e de medidas convencionais de salvaguardas, antidumping ou compensatórias de subsídios. A postura argentina pode ter sido estimulada por declarações truncadas do presidente Lula sobre tratamento especial e diferenciado a economias em desenvolvimento. Sabe-se também que faz parte da retórica do atual governo argentino a exacerbação de tensões na mídia para propiciar a sua adequada exploração política. Mas no cerne da posição argentina há de algum modo a pressuposição de que, se o balanço comercial bilateral não lhe é favorável, o Mercosul perde o interesse. Isso sublinha as flagrantes dificuldades atuais do Mercosul.

A lição que o episódio pode e deve trazer - embora a esperança que seja aprendida seja remota - é que as prioridades tanto da Argentina quanto do Brasil em relação ao Mercosul estão equivocadas há muito tempo. Os objetivos mais importantes foram deixados de lado: a efetiva integração regional, isto é, a formação de um espaço único econômico; compromisso sério quanto ao fim de exceções, seja na TEC seja na tributação entre os países membros; mecanismo de solução de controvérsias eficaz; algum modesto sinal de avanço quanto à harmonização de políticas macroeconômicas. Tanto mais eficaz a implementação de um mercado único tanto menores serão os problemas no período de transição.

O que se preferiu fazer foi minimizar os problemas de consolidação do Mercosul, remendá-los na medida do possível, e dar prioridade a negociações de sua ampliação com futuros parceiros na América do Sul. Além disto, a diplomacia global brasileira está comprometida em negociações do Mercosul com diversos outros blocos ou países, incluindo a União Européia e algumas grandes economias em desenvolvimento. As fragilidades internas do Mercosul contribuem de forma importante para manter a retórica muito à frente dos fatos tanto na agenda interna quanto nas múltiplas negociações internacionais. O que de fato se vê é a proliferação de declarações de intenções de negociar.

Se o Brasil tem aspirações quanto ao papel que pode jogar na diplomacia mundial é condição necessária para que tenha sucesso que trate de desempenhar eficazmente o seu papel de liderança no Mercosul e coloque a casa em ordem. Talvez a parte mais difícil da tarefa seja encontrar o correto equilíbrio entre a acomodação de legítimas queixas dos seus parceiros e a resistência às suas interpretações descabidas quanto a supostos compromissos relativos à balança comercial.

Marcelo de Paiva Abreu, doutor em economia pela Universidade de Cambridge, é professor titular da PUC-Rio, em licença sabática.